

## **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NO CONTEXTO DO PIBID PEDAGOGIA UFRJ**

Autor: Gabriel Murillo Rocha da Cruz Orientadora: Rejane Maria de Almeida Amorim  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, gabrielmurillo96@gmail.com*

Os diferentes saberes que são necessários para atuar na alfabetização exigem do licenciando uma formação mais próxima da realidade escolar, e um contato com o cotidiano da sala de aula, não apenas na posição de observador, mas como alguém ativo, que está construindo sua profissionalização e oxigenando a prática do preceptor que o supervisiona. É na sala de aula que se produz o saber da experiência (BONDÍA, 2002), além de saberes específicos que correspondem ao campo. Atento a esse espaço de formação docente e na carência de experiências concretas na formação inicial de professores, investigamos a produção de saberes docentes para Alfabetização no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) dos Anos Iniciais. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a relação do PIBID com a formação inicial docente dentro do campo da alfabetização.

A formação docente tem sido alvo de discussão por muito tempo (Nóvoa, 1995; Saviani, 2008; Abreu, 2006; Schon, 2000). Esta preocupação surge na Europa no século XIX devida a necessidade de haver uma instrução popular e a partir deste evento, surgiram diversas escolas normais por toda a Europa como a Escola Normal em Pisa fundada por Napoleão em 1802. No Brasil este movimento vai surgir logo após a independência com a mesma preocupação da Europa. Saviani (2008) faz uma análise da história da formação docente brasileira e de suas transformações que foram concomitantes às mudanças que ocorreram no país ao longo dos anos.

Utilizando as categorias de Saviani, a partir da quarta fase (1939-1971) com o surgimento dos cursos de licenciatura e de Pedagogia, se destacaram dois modelos de formação. A Escola Normal tinha o foco em construção de práticas e de desenvolvimento de metodologias para a sala de aula. Enquanto os cursos superiores passam a se dedicar aos estudos teóricos e discussões filosóficas sobre a educação com o formato “Esquema 3+1”, ou seja, três anos de disciplinas mais teóricas e um ano de disciplinas pedagógicas. Esses dois modelos, Saviani vai chamar de “didático-pedagógico” e “Cultural-cognitivo” respectivamente. (p.148)

Na LDB/96 no Art. 61 diz que a formação de professores consiste na: “a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço”. Esta responsabilidade abrange a formação continuada e a formação inicial dos professores. Por isso, pensando na formação inicial, o artigo 65 regulariza as práticas de ensino com o mínimo de trezentas horas. Ou seja, será o momento em que os alunos poderão observar o cotidiano escolar das escolas brasileiras com a carga horária organizada pelas instituições superiores.

Para o curso superior, Saviani (2008) fala que a questão pedagógica está presente, porém não encontra um caminho de consolidação. Ou seja, os cursos de Pedagogia e de licenciatura encontram-se com uma predominância em disciplinas teóricas, filosóficas sobre educação e que “nunca se preocupou com a formação específica, isto é, com o preparo pedagógico-didático dos professores.” (2008, p.149). Pensando nesta problemática da formação inicial, é implementado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação de Docência (PIBID).

O PIBID busca uma formação docente mais reflexiva e ativa, cujo objetivo é “elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica.” (CAPES, 2017). O Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro desenvolve este programa a partir de dois subprojetos: Anos Iniciais e Educação Infantil. O subprojeto “Anos Iniciais” nos anos 2016 e 2017 buscou promover o contato de treze bolsistas com turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental. A partir desta proximidade, foram realizados encontros semanais dos bolsistas com os professores supervisores e a coordenadora institucional. Além dos encontros, os licenciandos realizavam registros sobre o seu período de passagem na escola. As formas de registro originaram um portfólio de escrita reflexiva das atividades feitas no âmbito do programa.

Apoiados em uma perspectiva qualitativa, por meio de um estudo de caso que respeita a triangulação de dados para garantir a validação do estudo (ANDRÉ, 2005), realizamos com quatro bolsistas que estiveram no PIBID Pedagogia do ano de 2014 até 2017, o percurso de pesquisa. As informações foram obtidas por meio de um instrumento dirigido com questões em que cada uma das bolsistas descreve sua atuação ao longo do programa, pelos portfólios construídos pelos bolsistas durante o programa. Nossa leitura e a análise do material permitiram refazer suas trajetórias e nos ajudaram a compreender mais profundamente a formação inicial do professor alfabetizador.

Como resultados iniciais, dentro de categorias que emergiram da leitura e análise do material fornecido pelos sujeitos, entende-se que programas como PIBID colocam o professor e a sala de aula como protagonistas na formação docente dos licenciandos do curso de Pedagogia. São nesses espaços que se desenvolve o que Bondía (2002) vai chamar de saber da experiência. Este saber se constitui de forma gradual no campo da educação e a formação docente se constrói no contato com: a escola, a universidade e o cotidiano da sala de aula. Nóvoa (1995) reforça a valorização da experiência e compreende que a formação de professores passa por esta parceria:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (1995, p.13)

A partir disso, se pensa que a experiência é parte constituinte da identidade do professor, conforme vivencia os fenômenos da sala de aula, o saber da experiência se desenvolve formando assim um caminho singular e único.

Trazendo para o campo da alfabetização, a experiência permite que se construa uma concepção de uma alfabetização contextualizada e singular, que compreende diversas possibilidades pedagógicas como Soares (2004) vai nos alertar:

Não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois, a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica. (2004, p.15)

Historicamente, cursos superiores de Pedagogia ainda não fazem uma formação com a ampla permanência do estudante na sala de aula. Esse afastamento gerou uma formação muito mais no campo teórico da educação do que prático nos espaços educacionais. Bondía (2002) vai dizer que atualmente vivemos numa sociedade imersa na informação, e que a partir dela, o ser humano desenvolve a sua opinião gerando o que as universidades vão chamar de “aprendizagem significativa”. No entanto, as universidades não podem dar conta de saberes que são desenvolvidos na sala de aula e na parceria com o professor da escola, fora de um contexto integrador.

Colocar licenciandos nas salas de aula em seu período de formação inicial é repensar a definição de “aprendizagem significativa”. É considerar que a formação de professores não se dá em espaços isolados: primeiro na universidade e depois na escola básica, mas sim de forma simultânea. É preciso fortalecer essa relação articulada, gerando uma troca de saberes entre as universidades e os espaços escolares. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência revela um potencial de entrelaçamento teórico e prático na alfabetização, reconhecendo que a formação para o ensino da leitura e da escrita requer conhecer o educando que está em sala de aula, para (possivelmente) acontecer uma aprendizagem significativa.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Decreto nº 3276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para educação básica: CNE, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online].

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

[www.ceduce.com.br](http://www.ceduce.com.br)

2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 21 de abril.2018

CAPES. PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <<<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>> Acesso em: 21 de abril.2018

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*/ Paulo Freire: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote- Instituto Inovação Educacional, 1995. P. 15-53.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro n. 25, p. 5-17, Abril. 2004.